

Adoecer e curar: experiências de escravos e forros no Rio de Janeiro do Oitocentos  
Tânia Salgado Pimenta

Nesta comunicação pretendemos investigar a experiência de escravos e forros como terapeutas no Rio de Janeiro do Oitocentos. Enfocaremos dois períodos distintos: o primeiro (1808-1828), marcado pela possibilidade de oficializar suas atividades de cura, no qual se pode identificar a construção de redes sociais; e o segundo (pós 1828), caracterizado pela crescente desqualificação de seus ofícios, como sangrador e curandeiro. Observa-se que, embora a sangria e o uso de plantas medicinais nativas continuassem a ocupar um papel fundamental na medicina acadêmica, as pessoas que exerciam essas atividades foram sendo desautorizadas à medida que avançava o processo de monopolização das artes de curar por parte dos médicos com formação acadêmica. Outro aspecto que pretendemos abordar neste trabalho é a experiência de enfermar por parte de escravos e forros, relacionada às condições de vida dessas pessoas. Para tanto, as fontes utilizadas são: documentos da Fisicatura-mor, da Junta de Higiene, da Santa Casa da Misericórdia, além de periódicos médicos e de ampla circulação.